

Cris Landa



Caroço de acerola



TEMPORADA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Cris Landa



Caroço de acerola



TEMPORADA

Cris Landa

Caroço de acerola



TEMPORADA

Sumário

Acerola nº 01

Acerola nº 02

Acerola nº 03

Acerola nº 04

Acerola nº 05

Acerola nº 06

Acerola nº 07

Acerola nº 08

Acerola nº 09

Acerola nº 010

Acerola nº 011

Acerola nº 012

Acerola nº 013

Acerola nº 014

Acerola nº 015

Acerola nº 016

Acerola nº 017

Acerola nº 018

Acerola nº 019

Acerola nº 020

Acerola nº 021

Acerola nº 022

Acerola nº 023

Acerola nº 024

Acerola nº 025

Acerola nº 026

Acerola nº 027

Acerola nº 028

Acerola n° 029
Acerola n° 030
Acerola n° 031
Acerola n° 032
Acerola n° 033
Acerola n° 034
Acerola n° 035
Acerola n° 036
Acerola n° 037
Acerola n° 038
Acerola n° 039
Acerola n° 040
Acerola n° 041
Acerola n° 042
Acerola n° 043
Acerola n° 044
Acerola n° 045
Acerola n° 046
Acerola n° 047
Acerola n° 048
Acerola n° 049
Acerola n° 050
Acerola n° 051
Acerola n° 052
Acerola n° 053
Acerola n° 054
Acerola n° 055
Acerola n° 056
Acerola n° 057
Acerola n° 058
Acerola n° 059

Acerola n° 060

Acerola n° 061

Acerola n° 062

Acerola n° 063

Acerola n° 064

Acerola n° 065

Acerola n° 066

Acerola n° 067

Acerola n° 068

Acerola n° 069

Acerola n° 070

Acerola n° 071

Acerola n° 072

Acerola n° 073

Acerola n° 074

Acerola n° 075

Acerola n° 076

Acerola n° 077

Acerola n° 078

Acerola n° 079

Acerola n° 080

Acerola n° 081

Acerola n° 082

Acerola n° 083

Acerola n° 084

Acerola n° 085

Acerola n° 086

Acerola n° 087

Acerola n° 088

Acerola n° 089

Acerola n° 090

Acerola n° 091
Acerola n° 092
Acerola n° 093
Acerola n° 094
Acerola n° 095
Acerola n° 096
Acerola n° 097
Acerola n° 098
Acerola n° 099
Acerola n° 100
Acerola n° 101
Acerola n° 102
Acerola n° 103
Acerola n° 104
Acerola n° 105
Acerola n° 106
Acerola n° 107
Acerola n° 108
Acerola n° 109
Acerola n° 110
Acerola n° 111
Acerola n° 112
Acerola n° 113
Acerola n° 114
Acerola n° 115
Acerola n° 116
Acerola n° 117
Acerola n° 118
Acerola n° 119
Acerola n° 120
Acerola n° 121

Acerola n° 122
Acerola n° 123
Acerola n° 124
Acerola n° 125
Acerola n° 126
Acerola n° 127
Acerola n° 128
Acerola n° 129
Acerola n° 130
Acerola n° 131
Acerola n° 132
Acerola n° 133
Acerola n° 134
Acerola n° 135
Acerola n° 136
Acerola n° 137
Acerola n° 138
Acerola n° 139
Acerola n° 140
Acerola n° 141
Acerola n° 142
Acerola n° 143
Acerola n° 144
Acerola n° 145
Acerola n° 146
Acerola n° 147
Acerola n° 148
Acerola n° 149
Acerola n° 150
Acerola n° 151
Acerola n° 152

Acerola nº 153

Acerola nº 154

Acerola nº 155

Acerola nº 156

Créditos

Landmarks

Capa

Folha de rosto

Créditos

Sumário

Dedicatória

Escrevo pra você, que talvez
esteja do outro lado do
mundo
ou do outro lado da rua.

Melhor avisar de uma vez

Peço licença, estimada desconhecida, para dividir contigo o risco incontornável do delírio que guarda este livro. As palavras enfileiradas a seguir não escondem qualquer segredo, lamento, mas teimaram inventar, em conjunto, uma coleção de ideias que podem soar absurdas de tão ingênuas ou ridículas de tão pacatas. E não farei o esforço tolo de contestá-las — há de ser de minha inteira responsabilidade. Meu carinho é historicamente maior pelas coisas que não existem, e creio que há alguma lucidez em funcionar assim. Diária e voluntariamente, estendo sobre o planeta um lençol com mais flor, mais colo e mais riso que de costume, e vivo os momentos como se fosse este o desenho original do universo. Mais gentil, mais corajoso e incrivelmente mais verdadeiro. Com sorte, portanto, estas ideias agora compartilhadas talvez tornem mais doce até uma acerola — ou mais precioso um simples caroço.

Acerola nº 02

viver é pura arte
estar vivo é pura sorte

todo mundo um dia descobre
se é artista ou só sortudo.

Acerola nº 03

a cabeça não para. ela devia parar?

—

nunca estive em outra cabeça pra saber como é lá.

—

mas não importa, acho que a cabeça devia parar sim.
triste que não deve existir sindicato pra essas coisas.

Acerola nº 04

só vejo os porquês se os invento.
que a fundo, a gente é só inventar:
seria a melhor opção ao desespero,
ou é mesmo só ela que há?

Acerola nº 05

vi uma janela acesa no outro prédio e rezei pra que alguém ali estivesse escrevendo um livro que mudasse o mundo. ou lendo um que mudasse o seu. ou que pelo menos o domingo tivesse valido a pena. não deu tempo de descobrir – dormi antes da janela.

Acerola nº 06

reparava no céu às sete, onze e às duas, se desse,

convicto de que de uma hora pra outra os conselhos que eu queria (todos eles) surgiriam anotados lá no alto azul – legíveis e didáticos, confiáveis e simpáticos, possíveis e automáticos, passo a passo, numerados em tópicos e subtópicos e subsubtópicos. sonho!

mas que bobagem!

nããão, bobagem, nããão! olha aquele rastro horizontal dos aviões no céu – idêntico a uma pauta. havia de ser sobrescrito.

concluiu que não tinha, pois, nada de louco. mais provável é que fosse sanidade demais.

Todas as vezes que o céu era frio, e eu me encolhia imaginosamente buscando ir sumindo os supérfluos – deixar só o necessário pra sobreviver, sobrepensar ou sobressentir.

Todas as vezes que não entendo o quanto de vida nos cabe ou o quanto de nós cabe à vida.

Todas as vezes que acho que o desenho sempre esteve pronto ou que sou eu que desenho ou que não tem desenho nenhum.

Todas as vezes que compartilhar pensamentos com alguém me parece ser muito lógico – ou muito burro.

Todas as vezes que eu parava pra pensar em como sempre fomos mestres em inventar palavras para sentimentos pensamentos não-tão-legais-assim, sem lembrar que teria sido melhor ter criado só as boas.

Todas as vezes que eu repetia numa frase o começo da anterior, e parecia um manifesto mal escrito sobre um bocado de coisas aleatórias que me cansariam muito mais se estivessem mais organizadas.

Todas as vezes que eu não estava nem aí.

Todas as vezes que o mundo exigia resultados, retornos, respostas, mas nunca me falou sobre a conclusão – por quê?

Todas as vezes que eu tentava entender isso, mas desistia logo pra não chegar atrasado na faculdade magnífica formadora de criaturas melhores para o universo ninguém me perguntou se era isso que eu queria.

Todas as vezes que eu punha isso nessas sequências ensinadas de letras, e isso não queria dizer nada.

Todas as vezes que eu desconfiava disso, e não adiantava muita coisa.

Todas as vezes que o céu era frio e eu só queria só agradecer pelo céu e pelo frio.

Todas as vezes que as pessoas repetiam no fim do texto a frase do começo e isso gerava alguma expectativa acabou.

Acerola nº 08

[oração pra não cair]

o Céu é meu chão:
eu piso e voô.

Acerola nº 09

[oração pra não esquecer das coisas pequenas]

que eu acorde pelas coisas pequenas

que eu corra pelas coisas pequenas

que eu olhe pelas coisas pequenas

que eu ame pelas coisas pequenas

que eu viva pelas coisas pequenas

um abracinho, um passarinho, um minutinho, um pedacinho, um
sorrisinho, um colinho,

sou só um tantão de coisas pequenas juntas,

e na verdade nenhuma delas é pequena de verdade.

Acerola nº 10

[oração pra não esquecer de seguir]

nem sempre levantar parece opção pra quem cai. e aí, o que faz?

agradece, agradece, agradece. a ingratidão pesa o peito, menino. caça a paz que inda te junta, e gruda nela,

que o rumo fino do teu coração sempre te ampara. ah, se ampara. teu fundo é bom, moleque. e bota na cabeça que é. só te falta ir.

vai, vai logo. toma no pulso teus cursos, que de resto o alto cuida. não crê? põe então teus olhos no céu, e pede. com força,

que a mãe – a do chão e do céu –, eita coração que rala, rabisca todas as rotas pra teu pezinho sem norte aguentar de pé. e você aguenta.

nada novo, filho. felicidade é dar raça. a casca é grossa e a cabeça é dura. nunca vi herói ter pele de seda.

Acerola nº 11

corre daquilo que te morre mais rápido do que o aos-poucos natural da vida
corre daquilo que te sobra
corre daquilo que te esconde

olha as estrelas no céu, poxa,
e olha o vazio entre as estrelas do céu.
é tanto tanto canto,

será mesmo cruel assim a física
e eu não poder estar em outro lugar?

corre corre corre

corre
mas lembra que correr,
tem vez,
é por os jarros no lugar.

Acerola nº 12

Bem provável que, sabido do que tava inventando, Deus tenha se preocupado: e se a gente vicia em pensar e se esquece do resto? Teve então a ideia de fazer o coração bater, com vontade e barulho. Tique-taque? Muito mecânico. Tum tum? Gostou. Alguém ponderou que talvez com essa medida a gente acabasse era se encantando com o som e sentindo até demais. Ah, mas foi justamente aí que Ele teve certeza de que não tinha coisa melhor a fazer.

Acerola nº 13

talvez minha bússola pareça um pião
talvez minhas notícias falem de dragões
talvez minhas estradas sejam de giz

o talvez é a cara mais diplomática do impossível.

Acerola nº 14

a janela é reta

o prédio é reto

o livro o dinheiro o elevador

e o documento de identidade.

mas a gente é torto

e sente ruim.

bobagem

que até o rio é torto e chega

no mar.

certo

torto é o reto.

Acerola nº 15

na dúvida, acredita.

vida requer mais fé que certeza.

Acerola nº 16

perguntei a um homem velho

– que há depois do coração?

abriu um sorriso inteiro

bateu a mão em minhas costas

falou firme

– que minha vida seja pequena demais pra descobrir.

Acerola nº 17

[eu tenho uma teimosia revolucionária 01]

pra curar o cruel que era o mundo

o amor era a rota mais certa
e a arte a rota mais curta.

não tinha pressa, então amei
e escrevi,
que eu também não quis atrasar.

Acerola nº 18

vai! ser torto na vida

a chuva caiu torta,
a barba ficou torta,
as certezas já sempre o são.

e a felicidade tá mais pra um ziguezague
não acho nem rastro de retidão.

Acerola nº 19

atualmente, tinha mais sono do que razão. e achava um absurdo que não valessem a mesma coisa.

Acerola nº 20

pus meu colchão direto no piso do quarto
pra ver se acabava com os monstros que cabiam debaixo da cama.

agora eles dormem comigo no colchão.

Acerola nº 21

O mundo é assustador, e eu teimava que não.

1. Não tinha colo de vó. Num sabia nem que era permitido não ter vó.
 2. O deus dos adultos era um gráfico exponencial, enquanto eu insistia que o meu era um anjo da guarda.
 3. Lágrima era coisa proibida em horário comercial, e nas telas só os sorrisos vendiam bem.
 4. Inventavam mapas super inteligentes, mas todo mundo continuava perdido. Então não sei se funcionavam bem assim.
 5. Sentir só era legal se desse dinheiro ou se não atrapalhasse.
 6. Amor eu às vezes tinha medo de que fosse só uma história (boa).
- Felicidade virou fruta de estação. Podia dar na Primavera.

Acerola nº 22

Tinha o travesseiro, o cabelo cheiroso depois do banho, as panelas no fogão, a garrafa de água fria, o livro na cabeceira, o emprego, um vento fresco no quarto, um pedaço de chocolate, sessenta e sete preocupações, alguns sonhos, e todos os problemas chatíssimos de sempre. Tudo bem, estava bem. Minha sorte era que toda poesia insistia em gratidão.

Acerola nº 23

tem hora que é tão difícil
caber no mundo,
já sentiu isso?
(geralmente em dia de semana)
que eu até chego a imaginar
que alguém errou um cálculo
sobre o tamanho do planeta.
talvez os astronautas ficaram
muito emocionados e acabaram
exagerando.

ou então é só que eu tô gordo
(mas não era pra tanto, será?)

Acerola nº 24

sonha, menino

que sonhar não pede certeza

(e certeza te endoidece, num é?)

deixa

que a realidade vive

mesmo sem todas as suas respostas

e olha que um dia elas podem prestar

sonha

como se fosse uma reza

sonha com gosto

sonha estupidamente

sonho é poesia disfarçada

uma hora vai rimar.

Acerola nº 25

olha que eu mato o futuro se ele aparecer disfarçado de agora.

Acerola nº 26

devedor

devia ser

devia ir

devia saber

devia rir

devia tanto

que nem daria mais conta de tudo

então largou de dever

e foi viver o que queria.

Acerola nº 27

ser criança foi a coisa mais adulta que a gente já fez.

Acerola nº 28

o mundo é muito grande
e gente grande nunca funciona muito bem.

Acerola nº 29

poeta de mentira:
não tinha rima
nem no verso.

Acerola nº 30

tentou ser bom, agradou.
tentou ser gentil, obedeceu.
tentou ser simpático, mentiu.
tentou ser rápido, atropelou.
tentou ser paciente, aceitou.
tentou ser forte, brigou.
tentou ser feliz, sumiu.
tentou ser outro,
não deu.

Acerola nº 31

a gente é livre
pra ser livre e
pra também não ser.

eu queria ser livre
só pra ser.

Acerola nº 32

tenho medo do médio
e meio tédio do medo.

Acerola nº 33

se essa rua fosse minha,
toda esquina ia rimar.

Acerola nº 34

quase vivia
quase decidia
quase arriscava
e quase não fazia nada.

Acerola nº 35

acreditar pode ser um erro,
mas acredito que não.

Acerola nº 36

minha poesia era
roxa de fria,
vermelha de vergonha e
verde de verde mesmo,
que eu inda custava amadurecer

– poesia é cor ou coração?

Acerola nº 37

Fica vivo!

Fica fino!

Fica riso!

Fica rico!

Não

fico.

Alguém leva o mundo, que eu quero ficar.

Acerola nº 38

Esgotava resgatava engasgava gaguejava as rimas logo todas de uma vez. A inspiração podia acabar antes do fim da primeira estrofe. Talvez por isso também escrevesse os versos todos juntos, um atrás do outro. O mundo andava muito suado pra se desperdiçar espaço com quebra de parágrafo.

infinito.

meus olhos não tinham a mesma alegria de viver à procura de algo tão gigante que desafiasse a eterna dúvida entre ser mais um ou ser diferente de tudo aquilo que li nos livros didáticos penetras da seção de ficção da livraria em que me perdia quando não tinha nenhum filme bom pra ver e parecia cedo demais pra voltar pra casa e retomar todas aquelas reflexões pouco saudáveis sobre o que é mesmo que faria meus olhos voltarem a ter aquela mesma alegria de viver à procura de não andar mais em círculos.

Acerola nº 40

Tem dia que meu mundo é a imensidão e eu ainda sou muito pequeno.

Tem dia que meu mundo é um caroço de acerola e aí eu talvez seja até já grande demais.

No resto dos dias meu mundo é do tamanho do seu – mas é raro isso acontecer.

Acerola nº 41

Ela dizia “fica bem”, e era como se lhe falasse pra se tornar um astronauta ou resolver o aquecimento global. Ele não sabia se tinha nascido pra coisa tão grande.

Acerola nº 42

Procurava uma luminária pra por dentro da cabeça e esclarecer certas ideias. Não, talvez melhor uma gaveta, daí eu só as organizasse. Nada. Libriano é louco, larguei luz e gaveta. Hoje vivo com um liquidificador.

Acerola nº 43

Nasci pros cantos e pras beiradas. Ah, eu vivo feliz nas brechas! A imensidão tem muito vazio pro meu gosto.

Acerola nº 44

Os mares talvez fossem feitos das lágrimas de quem já tentou abraçar o mundo e falhou.

Acerola nº 45

e como não podiam desejar que todos os amores os queres os devires os poderes
fossem assim tão imperfeitos, pouco direitos, assim meio falhados no meio,
feito aquelas calças jeans que tem um pedaço rasgado e é de propósito.
e no mundo inteiro, o que é que não era assim?
de perfeita já basta a ideia de perfeição. o resto, não.

Acerola nº 46

O 2101 era o ônibus com mais senhorinhos e senhorinhas que eu já tinha visto. Nos bancos amarelos, os poucos cabelos brancos sempre escovados, as boinas de vô, as blusinhas de seda e os envelopes de exames na mão. Sempre ficava algum em pé antes da catraca, e eu sentia que os que passavam pro fundo do ônibus se sentiam mais jovens.

Acerola nº 47

Deixa, Cecília,

Põe tua ansiedade pra lá.

Tua reza não segura o barco.

Só te ensina a nadar.

Acerola nº 48

Ela arranjava fita adesiva pra colar uma dúzia de pétalas coloridas nas bochechas

e parecer feliz.

Riram dela os que faziam o mesmo.

As pétalas só eram outras.

Acerola nº 49

Eu achava calma nos jardins, nos seus olhos e nas madrugadas. Mas se o sol nasceu e as flores não? Bem, tem tu. Tô bem.

A Deus

É, Deus, eu costumo conversar rápido contigo, toda noite e toda manhã, mas hoje resolvi te escrever uma carta. Me soa mais sério, me exige mais letras e me faz lembrar que cê é um amigo, a quem eu posso escrever uma carta, perguntar como tá, mandar notícias daqui.

Que bagunça, meu caro, que bagunça. Notei que você tem dobrado o número de flores dos meus caminhos e de estrelas do meu céu, pra ver se me acalma. Até os versos você tem feito saírem mais fácil, e eu fico bem grato.

Os bilhetes que te deixo na porta do armário têm sido fundamentais, te juro. Coração tá aguentando, frágil mas firme. Não sei o que seria dos dias sem aquele sorriso que me ensinou a fazer antes de sair de casa. Meus lábios às vezes não entendem, quase resistem, mas logo passa. Os dentes se ajeitam no riso, e convenço braços, mãos e pernas de que anda tudo em paz. É cruel, mas útil, não acha?

As lágrimas, ô, Deus, tantas, não? Meus olhos já se perdem em tanto banho. Falta ainda muito o que lavar, que mal lhe pergunte? Eu sei, me disse uma vez que aquietasse tanta ansiedade. Aquietei, mas agora ela teima em cantarolar, me provocando até que eu lhe dê algo novo em que pensar.

Antes que eu termine a carta só em lamentos, te agradeço pela lua da semana passada e por teimar comigo que amor é um trem gigante.

Prometo ser menos ranzinza na próxima.

Amém.

ps: Usei “ranzinza” só no contexto da carta. Fique tranquilo, não costumo dizer no dia a dia.

Acerola nº 51

Assentava a cabeça no canto bom do travesseiro e fazia o sinal da cruz, rezando pra que a Nossa Senhora das Segundas-Feiras cuidasse do despertador. Em breve ia ver se mais forte era o sono ou a santa. E dormiu.

Acerola nº 52

O poeta exagerado se afogou em lágrimas.

Uma pena.

Seus problemas não eram solúveis em água.

Nem em nada.

Acerola nº 53

Vem

E eu que te esperasse na porta.

E vai que tu num chega.

Vai que te mete numa rede debaixo da varanda, e fica. Eu talvez ficasse.

Ainda espero.

A lua chega no mais alto, e nada de tu.

Inda vem?

Descobri que minha felicidade é atrasada ou preguiçosa. Ou os dois.

Mas faz mal não.

Espero.

Acerola nº 54

sentia e sentia e sentia e sentia e sentia

e às vezes escrevia

pra ver se se corrigia

e o verbo podia mudar.

mas sentia e sentia e sentia e sentia e sentia

que não, não podia.

Acerola nº 55

Achei que a felicidade tava escondida atrás dos sábados. Ou das amoreiras carregadas. Ou das janelas que dão pro horizonte. Ou das praias. Ou dos brigadeiros com granulado crocante em vez daquele tradicional. Ou dos olhos-jabuticabas que Deus pôs pra me cuidar. Tava.

Acerola nº 56

1

Respirou dois segundos mais lento; domou as esquivas (ignore, não faz tanto sentido; leia “lacunas”) da felicidade. Sai, sol!, sai, flor! Não supôs que o ouvissem - creio eu -, mas a ansiedade era muita pra que virasse o dia amanhecesse novo em folha branca pronta pra anotar.

2

E anotaaava, anotava, anotava. Muito sem eira, nem beira, nem rumo. Sem outras coisas também, mas menos poéticas, como dinheiro e salada.

3

Havia uma irresponsabilidade deliciosa no ato criativo. E eu dava graças a Deus.

Acerola nº 57

o caso do herói errado
queria salvar o mundo dos outros
e que os outros salvassem o seu.
deu errado, claro.

Acerola nº 58

As andorinhas e as lágrimas tratariam de cantar religiosamente antes de se por o dia.

Instaurados os pretextos, ia na memória caçar outros oportunos que viessem virgular as lamúrias. Claro, reclamar de pouco era imbecil e pouco econômico. Gasta lá logo todas as chaturas do dia, e chega.

Derramava, pois, as chagas, todas mal dobradas, engasgadas, e o alívio mais claro vinha dos soluços curtos que o chorar provia. Os dissabores saíam aos poucos, a água dos olhos os dissolvia em sal.

Pronto, logo murchava a marcha das gotas e se reaquietava no mesmo rumo. Era como se caminhassem o corpo bêbado e a cabeça sã. A coisa se ajeita.

Acerola nº 59

Tinha lá uns medos bem sumidos debaixo do riso bom que sabia dar. Tinha lá os olhos puxados pra baixo atrás do vidro embaçado dos óculos. Tinha lá as muitas manias e jeitos e erros e você me fazia caber tudo entre seu ombro e sua cabeça pendendo pra minha. Acalmava, e eu não conhecia como estar mais completo.

Acerola nº 60

Os melhores sonhos começam depois do despertador.

Acerola nº 61

A senhorinha na rua parecia sofrida já às sete da manhã. Carregava mais sacolas do que tinha de braços. Vestia uma bonita longa saia estampada e virou a esquina da avenida com alguma pressa.

Acerola nº 62

Escrevo pra você, que talvez esteja do outro lado do mundo, ou do outro lado da rua.

Escrevo pra falar que eu não tenho ideia do seu nome, da cor dos seus olhos, do que te deixa feliz, do que é que te faz chorar, mas que talvez eu gostasse de saber. Por curiosidade, por loucura, por fútil imaginação enquanto adio aqui as minhas responsabilidades.

Escrevo pra você que nem me lê. Nem me conhece. Nem sabe que existo. Mentira, talvez você saiba que tem quase dez bilhões de pessoas desconhecidas no mundo, e, portanto, no meio delas, há eu. Mas isso não te faz me conhecer.

Escrevo numa claustrofobia social de estar num redor lotado de gente, mesmo que me bastem meios por cento delas.

Escrevo porque sei do mesmo quase-dez-bilhões-de-pessoas e isso não me faz menos sozinho.

Escrevo na pretensão de, ao dizer o que tenho dito, poupar-me da surpresa de outro dia pensar na mesma giganteza do mundo e me agoniar.

Certo, isso não vai funcionar.

Acerola nº 63

Escora a cabeça,

Tomba o ombro contra o meu,

Esquece.

Escuta as sílabas boas e as ansiosas.

Es-cu-ta.

Palavra é pouco pra coração falar.

Acerola nº 64

Não tem nada mais pessimista que a coincidência das desventuras.

E nada mais corajoso que permanecer otimista em coincidentemente todas as mesmas desventuras.

Acerola nº 65

Não queria mais as segundas-feiras nem as terças-feiras ou as próximas feiras. Começou a achar que não era forte, que não era firme. Besteira, só não era um bom feirante.

Acerola nº 66

rimar, mar e amar eram românticos,
teimar também devia então ser.

Acerola nº 67

o abraço tinha sido tão preciso, que agradeceu:

– muito abrigado!

e não era erro de digitação.

Acerola nº 68

- Quis ditar as curvas que ia curvar. Achou que adiantava ensaio, quis fazer plano, inté!
- E num adianta?
- Bobagem. O amanhã é bicho vivido, meu irmão. Num te gaste em tremer as pernas.
- E se tremer, que faz?
- Só vai. A gente só se apronta no caminho. Ou eu é que perdi o tempo, ou é certo que te conto: vida é ter calma e até ter pressa, só num é trem de ficar pronto.

Acerola nº 69

Pensar pesava um peso enorme.
Chegava a ser gordo de tanto pensar.

Acerola nº 70

Estar muito no chão me fazia esquecer o céu. Eu preferia esquecer o chão.

Acerola nº 71

A qualquer desavisado, ou distraído como eu, a cidade à noite era um belo aterro de estrelas. E eu juro que acabei de ver uma delas caindo pra se tornar luz do poste na rua de baixo.

◆ 10 coisas que eu achei ◆

– e que eu acho que você pode acabar lendo mesmo que seja uma perda de tempo.

1 ◆ Eu achei que ia poder perguntar umas coisas ao mundo, mas aí o mundo que começou a me pedir respostas. Mesmo sem eu levantar o dedo pra responder. Nem sabia que isso era permitido.

2 ◆ Eu já achei que discordar era sempre errado. Depois achei que concordar era o errado. Hoje eu não acho nada, e espero que agora eu esteja certo.

3 ◆ Eu achei que fosse legal ser mais apaixonado pelo desconhecido que pelo que eu já conheço. Mas aí achei que na verdade isso é ingrato com tudo de bonito que eu já tinha conhecido. Vou me apaixonar mais pelo mundo que já conheço.

4 ◆ Eu achei que viver carregando uma âncora era bom porque era seguro, mas na verdade era ruim porque pesava. Eu não quero mais carregar uma âncora. Espero que isso seja bom.

5 ◆ Eu achei que era difícil conseguir sorrir. Mas descobri que o difícil é sorrir sem precisar conseguir. E acho que a gente tá acostumado a precisar de coisa demais hoje em dia.

6 ◆ Eu achei que o menino de chinelo no cinema fosse passar frio mais tarde. E só achei mesmo, porque nem fiz nada pra me preocupar com ele depois que entreguei as moedas. Acho que eu nunca faço.

7 ◆ Eu achei que fosse achar bonito todas as coisas bonitas que eu visse. Aí vi que o mais bonito eu não via. Vi isso depois que as vitrines bonitas já não eram mais bonitas.

8 ◆ Eu achei que as palavras fossem o jeito mais fácil pra explicar as coisas. Hoje eu acho que elas são o jeito mais fácil de justamente não precisar explicar as coisas. Mas se precisar, prefiro os olhos, as mãos e os emojis.

9 ◆ Eu achei bem aqui perto alguém pra ficar bem aqui perto por bem mais tempo. E não sabia se isso era achismo ou achado. Mas acho que os dois.

10 ◆ Eu achei que tinha muita coisa difícil de entender. E que dez é um número legal. Ainda acho.

Acerola nº 73

As palavras têm me abandonado. Pouco a pouco.
Com razão.

As palavras têm me abandonado pouco.

As palavras têm razão.

– dizem elas, eu não.

Acerola nº 74

Acreditar talvez não fosse a escolha mais óbvia. Mas era a mais bonita, e eu prefiro coisas bonitas do que óbvias.

Acerola nº 75

eu era mais ansiedade que paz
eu era mais amor que a falta dele
eu era mais mediano que a média
eu era mais ou menos.

Acerola nº 76

Usava cada oportunidade de poesia pra imitar aqueles passarinhos que cantam o tempo todo, fazendo espetáculo incondicionalmente, sem saber de nada do que se passa sob seus galhos. Ou talvez eles saibam de tudo e só sejam persistentes otimistas cabeças-duras insistentes demais em nos distrair. É, talvez eu me parecesse com esses passarinhos.

Acerola nº 77

tenho saudade de jogar bola no recreio
tenho saudade de adorar comer abóbora
tenho saudade de assistir Scooby-Doo depois da aula
tenho saudade de quando li *Dom Casmurro* no 8º ano
tenho saudade de ver vovó no sofá no Natal em 2011

tenho saudade de umas coisas que nem lembro bem

e de outras coisas que eu lembro tão bem que dava muito bem pra terem
continuado existindo aqui de verdade.

mas viraram saudade – e eu até que lido bem com elas (só fico triste às
vezes)

Ele acreditava que, no fundo, viver era deixar e se queixar constantemente em amor – e, de fato, amar pode ser didaticamente completo e eventualmente repleto. Só que nem todos os dias tinham o romântico/hippie do amor-sobretudo. Amor ficava sendo no máximo como só o cheiro de pizza, mas sem pizza. Intangível, inviável, tristemente inoportuno. Tinha hora em que os problemas eram egoístas, o tédio era formigante e a inquietude era persistente. Era falta de ventilador, era coisa pra resolver, era dúvida sobre a segunda-feira. Era um viver mais pragmático que elegante. Seus olhos enxergavam só dentro do quarto, e aquele bonito pertencer-ao-mundo-amar-a-humanidade não era prioridade. E aí o amor voltava ao saguão do museu de arte pós-pós-pós-contemporânea. Enquanto que, no prático físico tátil cotidianíssimo da vida, faltava-lhe uma versão de bolso ilustrada resumida recontada sei lá. Mas enfim, até que se lance essa outra edição, a pizza (se tangível e muita) costuma dar pro gasto.

Acerola nº 79

Não era sempre que a razão estava certa. Não era certo que bastava ter razão. Tinha verdades que você achava verdades. E que eu não.

Acerola n° 80

Tudo normal. Ruim e bom. A probabilidade parece vir trabalhando bem.

manifestinho da poesia responsável

pesa o coração nas palavras,
só pra não pesar na cabeça:

> pra que arte não seja supérflua,
> pra que os versos não sejam resmungos de primeiro mundo,
> pra que o risco/susto/medo do por-pra-fora não seja em vão (errar não é
vão, é lindo).

e faz questão que cada letra seja responsável (contigo e com o resto) –
escrever sobre sentir é um compromisso inteiro com quem cê se divide.

> quem te lê não deslê depois, lembra disso;
> escreve sempre por/procê antes, tá? (palavra tem lar, e ela pode querer
voltar pra casa)

que te acalme e te firme.

Foram poucos os passos desde a portaria bem iluminada do shopping até o breu sob a árvore grande da avenida deserta, em que duas garotinhas se balançavam nos cipós.

– Quer pendurar no balanço, moço?! – E elas diziam com um gosto de quem se divertia de verdade, imunes ao frio de que eu tanto me blindava. Agradei com um sorriso gentil no rosto, e agora acho até que devia era ter aceitado.

No fim do quarteirão, como que em outro mundo, chutei de volta o limão que um menino de chinelos fazia de bola. Atrás dele, a família se escondia nas marquises, dentro dos poucos agasalhos.

O silêncio frio de uma rara Savassi vazia tornava impossível não ver e rever as incongruências notáveis dos quarteirões.

Mas estava tudo bem: daqui a pouco entro guardado sob meus cobertores e me esqueço do tanto que o mundo era muito complicado pra meus quaisquer esforços de poesia.

Acerola nº 83

meu amor era caótico

meu saber era neurótico

meu decidir era problemático

e meu sorriso poético

era o único proparoxítono minimamente saudável.

Acerola nº 84

útil

era como querer ser seu guarda-chuva

quando você já usava uma capa de chuva

e já tivesse parado de chover.

Um texto pra escrever a palavra “florirá”

Aos poucos, tô aceitando que escrever é só passatempo às vezes, nem sempre inspiração. Enquanto gente via filme, bebia, corria, lia, dormia, eu gostava de escrever. Lutar com as linhas vazias, sonhando com uma rima nova ou uma história que tivesse um final menos medíocre que o resto das histórias que eu já tinha tentado escrever. Ficava então de olho nas palavras que me interessavam, teimando pra não ligar se o mundo inteiro se desinteressasse por elas. “Florirá”, li na missa hoje, e fiquei uns bons minutos repetindo pra mim. Era uma palavra que eu não conseguia imaginar alguém a dizendo com a cara fechada.

Legal, escrevi “medíocre” e “florirá” num texto, tô satisfeito por hoje. Vou ali escrever qualquer outra bobeira.

Acerola nº 86

[No meio do caminho tinha eu chato]

Eu tava no meio de uma conversa
que eu não sabia conversar.

Eu tava no meio de uma música
que eu não sabia cantar.

Eu tava no meio de um mundo
que eu não sabia meu lugar.

Eu tava cansado daqui
mas eu não queria estar lá.

Eu tava no meio do caminho
que eu não sabia onde ia dar.

Eu tava no meio de uma poesia
que eu já nem queria rimar.

Acerola nº 87

Eu caminhava fingindo a mais exata convicção de quem sabe aonde quer chegar. Acho que muita gente faz isso também.

Acerola nº 88

Era a doutrinação desesperada das elegâncias, era a instituição outorgada das alegrias, era a obediência autoritária à lei da simpatia. Por gentileza, mundo, não pressuponha a felicidade que eu ainda procuro.

Acerola nº 89

Eu nasci pra aprender muito, não pra saber de alguma coisa.

Acerola nº 90

Não sei se me esperaria até que eu fosse mais histórias do que ideias. Aliás, não sei nem se eu seria.

Acerola nº 91

Quando eu duvidava se eu sabia o que andava fazendo da vida, logo me aliviava ver os grandes cargos voando em círculo e batendo cabeça – umas nas outras –, gamificando a sobrevivência e comemorando as tabelas. Era muito antiquado me preocupar em viver?

Era meio artístico e meio burro o talento de complicar. Meu talento, diziam entre as cortinas. Mas soava elegante dar língua às letras, não?

Elegante e imoral, percebi. Minhas palavras eram bem ensinadas e maleducadas.

Aprendi a estender as beiradas de toda frase, e custei a ver. Obrigado, amor. Pedi então que bastassem as palavras, juro, talvez até fosse trauma de quando com oito ou nove anos a professora exigia que eu escrevesse as respostas completas sem que eu soubesse que nada era completo e que nem precisava querer ser.

Monossilabicamente eu reservava saliva. Que na primeira pedra no caminho eu desandaria a cuspir.

Um dia faço poema dessa verborragia. Ou mordo a língua e rio – todo mundo ri mesmo.

Acerola nº 93

Deixei os óculos em casa. Precisava da miopia pra lembrar de ver o que tava perto.

Tinha a textura dos abacaxis no carrinho e a textura das rugas nos velhinhos que andavam na chuva do feriado. E eu seguia convicto de que, copiando-lhes o hábito, eu podia furtar um pouco de sabedoria.

Mas suspeito que só lhes furtei o resfriado. Belo hábito.

Quando eu via neblina na serra, queria achar que alguma porção de anjos tinha descido em nuvens pra dormir mais perto da gente. Por preguiça ou esquecimento, o dia começou e eles se esqueceram de voltar pro céu. Mas eu nem via problema algum.

Tempo, hoje eu ia te pedir que esperasse.
Desse um tempo. Me desse um tempo.
Que eu só queria
Um tempo pra olhar
Um tempo pra esconder
Um tempo pra guardar
Um tempo pra saber que mesmo que eu não soubesse de nada
Nada nada nada,
Eu precisava de um tempo... só pra isso.
Um tempo pra deitar
Um tempo pra me perder
Um tempo, sei lá, pra tentar escutar
O que eu que tô querendo dizer?
Ah, é, queria dizer que queria um tempo
Pra que mesmo?
Um tempo pra...
Ah, quero um tempo pra presente.
Que aí eu entrego de uma vez numa caixa bonita e ponto.
Eu não tinha precisão de saber
O que é que eu queria fazer.
Com um tempo que eu não tenho
E que nem sabia se ainda ia ter.
Aliás, eu não sabia nem se pedir um tempo era coisa de requerimento ou de
oração.
De todo jeito,
Mandeí o pedido numa carta
E aí pensei: que aconteceu?
Eu chamava o tempo de louco
Mas agora ia eu pedir tempo ao tempo,
E só aí vi que o louco era eu.
Agora eu não tenho tempo nem resposta da carta.
E eu ainda imaginava mais quantos anos eu ia levar pra caçar saber o que é
que eu tava fazendo com o Meu tempo durante esse tempo todo.
Eu não tinha ideia. Nem pressa.

Bento não sabia se a Felicidade tinha algum receio de conhecê-lo, ou se era ele que tinha de conhecê-la. Tinha dia em que os sabiás o culpavam, e Bento aprendera desde novo que não se podia contestar passarinhos.

Pois juntou flor e juntou chocolate. Esperou o dia mais ameno da primavera e correu ao por do sol mais encantador da cidade. Mamãe tinha uma foto sorridente num canto assim, e Bento imitou.

Mordeu o chocolate, ventou a brisa na nuca, perfumou de flor o lugar e foi pondo-se o sol sem pressas. Ouvia quietíssimo uma voz correr como lençol, e supôs que delirasse. Sua companhia eram só os sabiás, que gostavam de flor, de chocolate, de tarde ou de Bento.

E por fim deu-se que, por delírio, coincidência ou orgulho, ele conta até hoje que a empreitada funcionou certo e enfim conheceu Felicidade. Nem que fosse de fato delírio, tinha inventado uma boa réplica. Por pouco era feliz de verdade.

Tinha o corpo esguio e pernas se desajeitando pra caber sob o volante. A pela negra e o afinado do rosto no queixo lembravam o presidente americano, exceto pelos óculos discretos e o bigode fino e ordeiro, que dava até certo equilíbrio à expressão esticada com que conduzia o corpo e o ônibus. O cansaço aparecia nos fios brancos e nos franzidos da sobrancelha, mas nada que comprometesse a elegância com que trocava a marcha e repousava os dedos tamborilando sobre a perna. Inda levava um anel prateado num dos dedos. Só não soube descobrir o que ele levava por dentro. Mas ninguém sabe mesmo.

Tinha gente que andava rápido, gente que lia, gente com barba, gente com batom, gente com o rosto redondinho, gente com covinhas no rosto, gente com dois milímetros a mais ou a menos entre o nariz e a boca, gente que gostava de jiló, gente que não, gente que dirigia os ônibus da cidade, gente que parecia feliz, gente feliz que nem parecia feliz, gente que olhava pro chão e gente que até tropeçava de só andar olhando pro céu vendo se no alto tem gente olhando pra gente daqui de baixo e claro que tinha.

Acerola nº 99

Estimava-se que dez em cada dez serumaninhos sabiam ser gentis fluentemente. Quem discordava era ruim em matemática. Ou muito ruim.

Acerola nº 100

Pertencer era ter pra quem contar dos meus silêncios. E mesmo na falta de letra, de calma, de vê-la, ouvir resposta. Em letra, em alma, em tê-la. “Nem todo silêncio é calado” – aprendi nos teus olhos.

Ópera

O sinal da outra avenida abriu e tinha sobrado um resto de ônibus fechando o cruzamento. Algum inventivo motorista resolveu buzinar, e em poucos segundos evoluía a sinfonia das buzinas, pouco orquestrada mas aparentemente muito prazerosa aos músicos automobilísticos. Na calçada, uma senhora de saia marrom levou as mãos aos ouvidos e assistia boquiaberta, parecendo “O Grito”. No caso, o grito vinha de fora e ela queria só o silêncio mesmo. Logo o ônibus avançou uns grandíssimos sete metros e suspenderam o musical.

Acerola nº 102

Passou uma moça de amarelo fumando um cigarro. Aí outra moça de amarelo, mas sem cigarro e com um filho. Depois passou outra moça, sem amarelo, sem filho e sem cigarro, mas a cara da primeira moça. E havia quem discordasse de que gente era tudo igual e diferente ao mesmo tempo.

Acerola nº 103

A gaveta bagunçada não tinha só papel ruim. Tinha muita coisa linda lá junto. O ruim era só estar bagunçado.

Que ótimo, pensou, a vida talvez também fosse meio assim.

Acerola nº 104

Bipolar

Foi ficando mais sábio no manejo das suas chuvas. Ou eram só as músicas cada vez mais precisas em achar coro no seu amargo. Não que isso exigisse tanto. Droga, não se podia nem chorar em paz sem inventar poesia.

Acerola nº 105

o belo não tá no que se olha,
mas no que se sabe sobre o que se vê.
e como do mundo eu sei pouco, escolhi:
vou superestimar as belezas,
que aí no lugar das certezas
eu lembro do mar e coloco você.

Apesar da arquitetura enguiçada dos meus mil futuros e o idealismo teimoso a cada largo de calçada que meus pés cobriam, eu acreditava piamente guardar comigo alguma muda dum tanto tangível de infinito. Inda que, vez ou outra, tipo agora, a incoerência dessa frase me provava só que só mesmo um colapso me salvaria da inexatidão, do insano ou da infelicidade.

Acerola nº 107

A lua hoje era maior que todas as minhas preocupações (só depois eu lembrei que ela sempre é).

Encaixava esquisito os óculos escuros no rosto. Lá fora, atrás da lente vestida, o mundo tomava um amarelado vistoso que lembrava as histórias de infância que vovó contava (claro, eram todas amarelas, e tinham perfume de alfazema). A vida batida ensaiava então estar mais doce, e todo desafio ficava mais tenro. Dava gosto querer os dias mais amarelo-ouro – eu já os imaginava soando verdadeiros o bastante pra quando eu fosse o avô e as minhas histórias fossem sobre hoje.

Acerola nº 109

– Sinto muito, nunca tenho razão.

Destilado

Fazia tempo que não arrecadava alegrias.
Adotei os dias de resmungo – amando.
Em rotina de máquina de costura, caminhei imperturbável, fugido.
Ora, piques de insanidade: ânsia de lonjura.
Noutras, desmaios de fraqueza: passos largados em soluços.

O coração mandava ir.
O pé direito de qualquer sorte minha era rastejante.
A ferida no calcanhar latejava a cada grão de poeira que o asfalto deixava de absorver.
Tudo, tudo era fé. Era crer no azul, azul de céu e azul de mar.
Fé. Mais por oportunismo que ideologia.

A alma já tinha fechado os olhos e tudo se alternava entre algo como flutuar e afogar.
Decidi afogar, decidi flutuar.
Esbarrei nos arrependimentos e nas iludidas bolhas de sabão.
Flagrei os ponteiros do relógio mais rápidos que o permitido.
Notei estrelas impacientes. Flores e borboletas com medo de nascer.

Mas no desinteresse por rumos, na preguiça das decisões, eu me deixava obedecer.
Respeitava o destino, imponderável, ácido, sim.
Satisfazia-me com a remuneração em pores do sol.
Alienado de sempre, eu sorria aos pássaros cantores, aos cachorros mansos e às crianças todas.
E na efemeridade entendi as alegrias.

Me fiz intacto largado de costas sobre o mar.
Achei o azul no alto, e me apaixonei pelo céu.
Era a única certeza de sorriso guardada.
Compaixão perene do infinito.
Lençol eterno de amor.

Vencido pela felicidade, agora eu era puro sorrisos e gritos e lágrimas.
Nada era profundo; não tinha oceano em que eu não desse pé.

Era eu nadando no céu liquefeito, e em paz.
Fui gratidão às demais misericórdias.
Um confidente todo à minha vida, graças a Deus.

Acerola nº 111

Deixaria que

a poesia

a fotografia

a teimosia

a empatia

a alforria

a alegoria

a água fria

e todas aquelas vezes em que eu ria e você ria

me distraíssem da bagunça. Distraía.

Acerola nº 112

A manhã tava tão preguiçosa que até o céu esqueceu de fazer nuvem. Ou lembrou, mas desistiu.

Despoesia

Arrastaria e gastaria as palavras parecidas apreciadas até desaparecidas como que organizasse uma festa de família entre as primas rimas, desobrigando todas elas de se portarem e se comportarem em verbos ou versos, certificando-as de que a liberdade era também muita muita poesia. Mas se lhes apetecesse, no entanto, fazer soneto, repente, música, de repente, pronto! eu daria um riso grande gigante garanto, e as chamaria aclamaria desacalmaria do mesmíssimo jeito: artistas!

Acerola nº 114

Ela lhe dizia “até breve” e ele imaginava que Breve devia ser um lugar muito bonito.

Acerola nº 115

mudou de canto os móveis do quarto
copiou nos enquantos estáveis do vidro
os encantos imóveis de um quadro:
um sorriso que combinava comigo.

Acerola nº 116

Fui tomar banho no escuro, cacei a lua na fresta do vidro e encontrei um cantinho do céu. Como numa visita rasante desavisada de Deus, comecei a rir, feliz que os pedacinhos-cansaço da semana sempre vinham de mãos dadas a um cafuné um chocolate uma coincidência. A minha vida parecia ter gostado de maio.

Acerola nº 117

minha felicidade nunca

foi só minha felicidade

minha felicidade nunca

foi só minha

minha felicidade nunca

foi só

minha felicidade nunca

se foi.

Acerola nº 118

ela dizia que a gente andava muito sonhador.

– ah, de realidade já basta vivê-la, não?

e voltaram a sonhar.

Acerola nº 119

partisse ao meio o dia ou ao meio-dia

partisse, não fazia a menor diferença

partisse, e era feito largar um e-mail nos rascunhos.

e como que desinteressasse a lógica; mesmo certo ou errado fosse você partir,

partia.

eu nunca soube onde apagar a pasta de rascunho. nem quis.

Acerola nº 120

te enxergava muito melhor com os olhos fechados.

tem hora que muito pouco do mundo funciona (aos nossos olhos críticos, ao menos, aos montes). tudo caótico, analgésico, problemático. ou então pleno infinito em branco demais. quando é que vais passar, velejar inconstante, maré sua egoísta, marejar bancando o crônico? some! mas sem saber, por ordem expressa do mundo, até nesse indetectável meio-de-caleidoscópio, estamos a só um atrito, um fósforo um escorregão uma sorte um pé e meio da próxima alguma felicidade. a esquina é sempre mais perto do que eu podia desconfiar. ou pelo menos podia estar lá. e eu preferia crer nisso.

Acerola nº 122

E se me perguntassem como eu tô?

Menos eu soubesse, mais convicção (e paz) eu teria:

– Vivo, muito obrigado.

Mais certo que isso era tudo especulação.

Acerola nº 123

Eu acreditava que a natureza funcionava como os brinquedos de Toy Story, e sempre que a gente virava o rosto, ela saía pra ir preparar o por do sol, arranjar as estrelas, checar a luz da lua, passar o som dos passarinhos. Ok, mentira, eu não acreditava nisso, mas ia ser bonito se fosse assim, num ia?

Acerola nº 124

Ouviu dizer que os finais felizes não existiam. Mas os meios felizes, também não? Desconfiava que no fundo eram até mais importantes.

Acerola nº 125

Se nem o céu consegue escolher se chove ou não, quem sou eu pra ousar ser uma pessoa decidida.

Acerola nº 126

O mundo era tão bem pensado que até as sombras de manhã cedo ficavam deitadas.

niilirismo

menino cumprimentou o passarinho na praça: ‘como vai?’ ele respondeu como se dissesse ‘vou voando’, mas foi um assobio na verdade e o menino não entendeu quando o passarinho foi embora.

Acerola nº 128

Cuidar lhe parecia um verbo tão especial, que era triste vê-lo virar só aviso “cuidado!” no vidro da estação.

Acerola nº 129

Ir dormir parecia ser um trem corajoso – acordar nunca era uma certeza. Mas se bem que só a possibilidade de sonho bom já justificava essa coragem toda. Mentira, eu só ia dormir por sono mesmo.

Acerola nº 130

Procrastinava desavergonhado no friozinho temporário da pré-tempestade enquanto pensava nessas forçadas palavras grandes só pra aproveitar qualquer poesia na sua preguiça.

Acerola nº 131

“Cê tem razão.” Ela corrigiu. “Cê tem coração.” Aí ele riu e viu que concordar era mesmo bonito demais pra vir dum canto que não o peito.

Quase tropeçava os passos olhando no céu de manhã o sol ainda enviesado descobrindo a cidade por de cima da serra. As nuvens ainda eram só uma dúvida dispersa nos fios preguiçosos de branco, numa alternativa a deixar soberano e todo o céu de um azul ainda muito claro, que nem tinha escolhido seu tom. E por mais que eu preferisse o frio, era nesses indícios de dia quente fim de verão início de ano que eu me sentia mais certo de, de algum jeito, estar no lugar certo.

Cobiçava que, de tempos em tempos, as palavras o pegassem assim no colo e lhe fizessem o carinho que ele diariamente lhes fazia e ali enchessem até dos mimos desnecessários e lhe bagunçassem o cabelo, acariciassem os lisos fios finíssimos e depois pousassem uma das mãos sobre a dele. Trançariam os dedos e daria pra permanecer ali um par de horas. O rimar era feito ao contrário, mas a poesia, ah a poesia era exatamente a mesma.

Fosse obra dos linguistas, dos marqueteiros ou mesmo dos poetas, amor não soaria tão bem. Teriam inventado um trava-línguas, um plural ou uma rosa. Hoje amor é apelido fácil pro que faz bem, e tem vez que confunde com felicidade. Se bem que se confundam mesmo. É difícil existir um sozinho.

Acerola nº 135

se poesia é inventar

vai aqui um inventário de “versos” juntados

que fiz hoje cedo,

mais por ócio que conveniência.

eles não têm sentido em serem versos, só se quebraram no meio e metade pulou pra linha de baixo pra ocupar espaço

não têm amor, que isso combina mais com olhar que com palavra

não têm rima, que isso já tem nas canções que a gente gosta de cantar

era pra ter doçura, mas não encontrei em mim pra por.

bom que fica um poema verossímil –

seco e sem graça.

Acerola nº 136

As manhãs sempre lhe pareceram um esforço enorme do céu em entregar o máximo de azul e de claro e dar aquele empurrãozinho pra que a gente caminhe o resto do dia. Tirando o calor, que às vezes se esforça mais que o necessário, essa coisa de céu azul tem funcionado muito bem.

Acerola nº 137

via no horizonte a fronteira do céu. a fronteira o limite o contorno o
entorno o riscado tornado horizonte.

e ia a serra toda em volta se fazer de colo, ser leite deleite deitar todo o azul
o amarelo o laranja o rosa e os brancos que os gizes arranhavam no alto.

horizonte era a beirada do que caía sem eira nem beira por cima da gente.

era a cerca entre céu e resto,

ponte entre teto e piso,

salto entre claro e fundo.

e ele e o mundo todo caminhava em cima do horizonte. carregava a vida do
mais clara ao mais funda, do mais perto ao mais siso, do mais réu ao mais
destro.

e aí lamentava o céu se acabar no horizonte. se remendar de só terra
quando fosse a serra começar a descer.

por que não continuar infinito? inseparado? intromissível? seria mesmo
impossível deixá-lo por inteiro, ó, céus?

mas é que céu não termina.

contamina, dissemina, elimina, mina, raia, trova, neva. só não termina.

o que a serra, pois, faz é partir um pedaço do bolo e dar aos nossos olhos
comer, que nem eles dariam conta de um céu todo.

é, céu claro inteiro só cabe em coração. bem, no meu cabe, acho.

Manual

Agonia era uma prateleira lotada de palavras, e ele encarando todas sem saber escolher colher recolher acolher quaisquer delas que pusessem pra fora as lágrimas que ele não sabia chorar. Alguém lhe dissera uma vez que um grito servia, e ainda nem gastaria com palavra. Mas no seu quarto, gritar não ficava à vontade. Ele caçava era letras. As mais artistas. As que falassem com quase tanta verdade que ele.

Precisava começar com algumas amargas, por fidelidade. Algumas abstratas, pra tratar de editar extraditar sumir pra longe tudo o que sentia ressentia aí pressentiria que logo, logo, lógico que ficaria tudo bem. E enfim, bem, no já exilado das angústias, no peneirado das esperanças, no lavado não enxugado dos corações, faltava doce. Chocolate não amargo, açúcar, flor, céu, riso, saudade boa, carinho, manhã, estrela, vó, bolo, dormir. Pela época, também servia Natal, pisca-pisca, FÉRIAS. Tudo o que algum instituto de pesquisa concluísse que podia quem sabe talvez causar algum sorriso colateral bilateral um lado só que fosse. Escrever era talvez a única coisa que lhe preenchesse seu egoísmo e sua necessidade responsabilidade intromissão social, ao mesmo tempo. As letras eram tão boas que nunca salvavam só ele.

Tinha palavra que eu só conhecia com os olhos fechados; outras eram reais demais pra eu enxergar por dentro. Pensei que inspiração talvez fosse lembrar das palavras escuras mesmo quando de olhos abertos. Ou talvez isso seja sonho, sei lá. Mas que é bonito, é.

Acerola nº 140

- Velho encabulado, o que é que há?
- Corre muito, moço, onde é que vai?
- Não me disseram, não, senhor. Só vou.
- E se eu te digo “te aquieta”, te aquieta?
- Mas não faz mal?
- Eu que te pergunto: faz?
- Mal por mal, quieto é menos custoso. Fico.

Ali ou lá, o sol se põe do mesmo jeito.

Acerola nº 141

Vocativo, quando cativa, se repete, me acalma, te ecoa;
vai fundo, se instala e me encanta. Não se dizem poesias à toa.

é que eu via muito mais no desavisado das poucas palavras,
no doce de um punhado de letras,
no sonho de qualquer frase. pra mim, linguagem servia pra compartilhar,
pra dividir possibilidades, carinhos e histórias. não mais que isso. e aí,
quando eu contratava algumas palavras pra trabalhar em uma prova ou em
alguma mentira, dava pra ouvi-las resmungar. culpado, eu me deitava e
tentava inventar alguma história que convencesse as pessoas sobre o que eu
achava das palavras. assim como hoje, não consegui. então o jeito é ir
dormir, que amanhã cedinho tem prova.

Acerola nº 143

fé, mãe, pai e colo
mergulhar pro fundo
sem nem preocupar
se ainda vai ter superfície ali
quando o caminho quiser voltar.

Acerola nº 144

a menos

que mude tudo,

vai ser só um

a mais.

contragosto

Em covardia, delego às letras todas as lutas. Deixo fugir a responsabilidade por tê-las, primeiro, existido, antes que ganhassem os cantos por aí. Caladas, no máximo se recusam a virar verso. Ninguém é obrigado a dar risadas pro escuro. Mas de dizer, elas não escapam. Tropeçam numa série de agramáticas assemânticas assintáticas neológicas ou nada, nada lógicas que, na ausência de melhores descritivas, me atendem feito suco quente, café frio, perfume longe. Faz rotina em sopa de letrinhas, e a cada colher engulo aquela necessidade, meio por vício, meio por vácuo. De resto, resto. E imagino se não me existissem palavras. Na presença obrigatória das histórias e da irregularidade provável dos dentes e dos risos, bem possível que eu arranjasse um jeito mais verdadeiro de me escrever.

vem

ele sabia que nem que juntasse as palavras mais bem-sucedidas e mais bem-suscitadas e as enfileirasse numa varanda florida. que nem que o vestido bonito de todas elas rodasse ao mesmo tempo durante o baile. que nem que escrevessem maravilhas-companhias à lua à noite. não seria doce que nem as letras requentadas que lhe vinham de repente de sob o travesseiro. elas fugiam pelos olhos e escorriam pelo cabelo. quando é mesmo pra ser escrita, palavra reza e vem.

Acerola nº 147

ando certo de que,

de certo mesmo,

ainda nada.

Acerola nº 148

Sonhava descobrir que o mundo corria era pra ver mais de perto o sol se por. Sabia que não, mas era a desculpa mais bonita.

Acerola nº 149

ele abre uma frestinha no céu à noite pra ver se tem chuva de cheiro e ver se a lua tá clareando bem. e aí termina com um vento um verso um terço um lençol – pra abençoar e tchau. dar o ok pro alto e refechar o céu.

Dizer era cantar às palavras e esperar as voluntárias.

Muitas vezes soavam as menos prontas, as mais tortas, mas ele sorria a elas e elas sorriam de volta. Ele cuidava das palavras trocadas, e as palavras lhe davam o troco. Vez ou outra, faziam surpresas a ele. Se juntavam do jeito mais bonito que tivessem visto nos livros e nas nuvens, e se ajeitavam em sequência. Ele as dizia com calma, com medo de perdê-las. Tinha gosto de poesia cada vez que uma palavra feliz saía da boca. Ele fechava os olhos e rezava para que alcançassem os mais doces cantinhos. Era uma vontade tão grande, que sempre acabava dando certo.

Menos

Ele se permitiu abaixar o volume e aquietar o excesso de companhia. Escolheu férias de tantas conversas e dos muitos sorrisos. Não por já desalegres, mas pois desgastados. E pra preservar-te todos os encantos, por enquanto ele punha em longes cantos tudo além do que o justificava em corpo e mente. E se vivia mais ciente de si. Era como se seus braços mais lhe pertencessem. Suas dores machucassem mais perto. Seus sentimentos compactados cabiam na palma do seu mais compassado e não compassivo coração. Esfriou os riscos de melancolia e guardava a voz para as necessidades e as poesias. Para as rimas muito óbvias, antecipava o fim logo no terceiro verso. Em paz no voar ultra leve, vida era só uma mínima lista.

Acerola nº 152

de noite, ele batia na porta de cada sonho, procurando algum acordado. ou outro que, de tão realizado, acordasse só pra recebê-lo e preparar-lhe um chá.

Acerola nº 153

vida podia ser um palíndromo,
que aí quando estivesse toda ao contrário
nem daria pra perceber.

suspeita das palavras.

sob a possibilidade da borracha, do verso e do invento, elas escorrem escolhidas e memoráveis, em clareza literária e perpétua. num quase-balé, leve e evidente. soa majestoso, bem dito. feito banho-tomado, recém-finito. rimado, emoldurável, correto. instituído. um arranjo convencionalmente entendido e harmônico. veem-se nas letras as mais fiéis atrizes. aceita-se um significado eternamente consoante e respeitadamente autoral, feito um filme paquistanês independente. mas se lhe descem o degrau de moldura e formam grito, seja em timbre, seja em tinta, voltam a só boato - sussurrado, raquítico, criptográfico e apoético. covarde e otimista, vou substituir minhas letras por alguns abraços, e ver se meus braços mudos se alfabetizam melhor.

Acerola nº 155

que caiba verde em toda minha melancolia;
sopra embora, em vento, a poeira que rouba do coração o direito do úmido
dos olhos;
deixa em seu lugar só os cheiros de toda flor. que o pior que eles nos fazem
é espirro;
canta de novo, como se eu te escutasse do berço ou do colo;
pousa sobre minha testa alguma certeza, que supor rumos cansa.
e desentorta as linhas, que desaprendi a ler de ponta-cabeça.
amém.

fim.

convenhamos que uma página para anunciar o fim de um livro não é lá a coisa mais necessária, mas talvez carregue um ar dramático do qual eu não abriria mão. afinal, nunca escrevi um livro antes - então, permita-me o drama.

e já que está aqui, e não lhe resta sequer um poema-saideira para se despedir dessa coleção de palavras, te convido a me dizer, neste mesmo instante, o que é que passeia por seus pensamentos agora que a leitura acabou. compartilhe um segredo, me conta qual foi sua página preferida, me indique um erro de gramática.

ou se só sentir falta de mais letras, também me procure - tenho aqui mais uma porção delas debaixo do pé de acerola.

 cristianolanda

 crislanda.cc

 cristianolandaprado@gmail.com



Grupo
Editorial
LETRAMENTO

Copyright © 2021 by Editora Letramento

Copyright © 2021 by Cris Landa

Diretor Editorial | **Gustavo Abreu**
Diretor Administrativo | **Júnior Gaudereto**
Diretor Financeiro | **Cláudio Macedo**
Logística | **Vinícius Santiago**
Comunicação e Marketing | **Giulia Staar**
Assistente Editorial | **Matteos Moreno e Sarah Júlia Guerra**
Designer Editorial | **Gustavo Zeferino e Luís Otávio Ferreira**
Capa | **Sergio Ricardo**
Revisão | **Daniel Rodrigues Aurélio (Barn Editorial)**
Diagramação | **Renata Oliveira**

Todos os direitos reservados.

Não é permitida a reprodução desta obra sem aprovação do
Grupo Editorial Letramento.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Landa, Cris.

Caroço de Acerola [recurso eletrônico] / Cris Landa. - Belo Horizonte, MG : Letramento ; Temporada,
2021.

174 p. ; ePub ; 0,5MB.

ISBN: 978-65-5932-080-6 (Ebook)

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. 3. Fantasia. 4. Cotidiano. 5. Saudade. 6. Amor. 7. Identidade. 8.
Medo. 9. Felicidade. 10. Gentileza. 11. Sentimento. 12. Reflexão. 13. Ficção. I. Título.

CDD 869.1

CDU 821.134.3(81)-1

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Poesia 869.1
2. Literatura brasileira : Poesia 821.134.3(81)-1



Belo Horizonte - MG

Rua Magnólia, 1086

Bairro Caiçara

CEP 30770-020

Fone 31 3327-5771

contato@editoraletteramento.com.br
grupoeditorialletteramento.com
casadodireito.com